

TOMOSHIGE KUSUNO

COMEMORAÇÕES MÚTUAS

A fim de marcar as comemorações do Centenário do Tratado de Amizade entre o Brasil e o Japão, toma-se imperioso responder a esta questão: o que pensamos e como sentimos o relacionamento entre Brasil e Japão? Ela pode ser facilmente respondida através da razão, mas no meu caso terei de responder me expressando através dos vários contatos realizados durante minha experiência pessoal.

Emigrei para o Brasil 14 anos após o fim da 2ª Guerra Mundial e, desde então, já se passaram 35 anos. O Japão, nesta época, encontrava-se em meio a uma situação de completa devastação e o seu povo se esforçava em buscar um novo caminho, enquanto trabalhava na sua reconstrução e recuperação. Tudo isso parece-me ter acontecido ontem. Desde esse período de caos do pós-guerra transcorreram 50 anos e muitos eventos comemorativos estão sendo planejados para marcar a data. Esse meio século representou um período de tempo decisivo para o destino da nação japonesa. A imagem do Japão ressuscitada e renovada está diante de nós.

A metade dos 100 anos em que Brasil e Japão estão comemorando o centenário de amizade corresponde ao período em que o Japão alçou vôo em direção ao mundo. A cultura japonesa, que apresenta peculiaridades muito regionais, era tomada freqüentemente como algo incompreensível pelo exterior, mesmo através da sua história. O período em que o Japão sentiu um enorme complexo frente às culturas ocidentais, causado pela derrota na guerra, e que fez o país voltar-se para a reconstrução, correspondeu à fase de minha adolescência, da mocidade, da minha geração. E o país aonde eu cheguei carregando um pesado fardo do passado foi o Brasil. Trata-se de um país que tem a sua base cultural no ocidente e cujo povo possui um caráter multi-étnico. A sua cultura, portanto, é dotada de grande flexibilidade e, graças a esse aspecto, consegui chegar até o dia de hoje nela inserido.

Neste período, vi dissiparem-se os meus complexos, tanto de ordem exógena como endógena. Isso aconteceu não somente comigo, mas com a maioria dos japoneses, não apenas porque decorreu muito tempo, mas porque a aceitação se

deu pelos frutos da obra, pela produção, pelo reconhecimento do trabalho, perseverança, habilidade, capacidade e talento dos japoneses que para aqui vieram. Assim, foi possível transpor a barreira do preconceito mútuo.

E foi justamente por isso, através do trabalho com humildade e tolerância no seio de uma cultura diferente, que nós, japoneses, conseguimos prestar enorme contribuição ao desenvolvimento do Brasil.

Os *nikkeis* constituem uma população minúscula, que não atinge 0,9% da população brasileira. Mas as suas realizações, de significativo conteúdo, apresentam uma densidade de elevada porcentagem no Brasil de hoje. Igualmente, as ajudas e cooperações prestadas pelo Japão ao Brasil têm, hoje, um peso maior que as de qualquer outro país do mundo.

Assim, pode-se afirmar que tanto os *nikkeis* radicados no Brasil como os japoneses esforçaram-se durante muito tempo e prestaram a sua contribuição ao Brasil e, em contexto mais amplo, a todo mundo. As realizações dos japoneses são tão evidentes que ninguém pode deixar de reconhecer.

O Brasil e o Japão possuem características diametralmente opostas, o que muitas vezes dificulta a compreensão mútua. Para sanar essas dificuldades, é preciso que ambos dêem-se as mãos para estabelecer uma ajuda recíproca e para a criação de uma outra visão do século XXI.

Como exemplo, quero citar o fato de que quando eu cheguei aqui, o povo brasileiro tinha preconceitos em relação à comida japonesa. Atualmente, entretanto, os brasileiros lotam os restaurantes japoneses. Transcorridos dezenas de anos desde o tempo em que a comida japonesa era tida como muito exótica, o aprofundamento da compreensão de seu significado e caráter ritual representa um grande avanço na direção de uma maior aproximação das duas culturas, brasileira e japonesa.

Creio que o objetivo das comemorações do centenário é de, doravante, valorizar cada vez mais, e reciprocamente, as culturas de uma e de outra parte e construir um futuro que possa gerar uma nova cultura.

Aproveitando o ensejo das comemorações que, casualmente, têm um significado mútuo, gostaríamos de ver concretizado um evento construtivo e ativo. Materializemos os temas para que sirvam de estímulo às atividades dos diferentes setores de atuação.

No meu caso pessoal, desde que vim ao Brasil, tenho me dedicado ao ensino de Artes Plásticas em diversas faculdades e às atividades artísticas. Assim sendo, gostaria que fosse dada ênfase ao intercâmbio educacional entre os dois países, com destaque ao intercâmbio no campo da educação artística infantil, através de experiências, pesquisas e apresentações. Orgulhosos em confiar o futuro de ambos os países às crianças, através da educação embasada na sensibilidade e no amor, gostaríamos de servir de alicerce ao projeto. Devemos nos conscientizar de que, através da consolidação das bases de ambos os países, e possivelmente do mundo, as crianças poderão caminhar livremente com vistas ao século XXI.



Yoshiya Takaoka. *Auto-retrato*. 1950. Óleo. Col. Pinacoteca do Estado de São Paulo.
Foto: Ciça.